



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Juiz Darcy de Arruda Miranda*

29/09/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

PALAVRAS PROFERIDAS - Des. Ricardo Henry Marques Dip (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - José Maria Siviero (genro do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o juiz **Darcy de Arruda Miranda**, em continuidade à **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**.

Darcy de Arruda Miranda nasceu em Lençóis Paulista (SP) em 1904. Tornou-se cirurgião-dentista em 1922, pela Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, como tenente da Força Expedicionária. Formou-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, turma de 1938. Ingressou na Magistratura em 1947. Foi juiz em Araraquara, Jaú, Itaporanga, Brotas, Penápolis e na Capital. Também foi professor de Direito Civil e de Teoria Geral do Estado na Faculdade Mackenzie e titular da cadeira de Direito Civil na Faculdade de Sorocaba. Aposentou-se como ministro do Tribunal de Alçada Civil, em 1966, e passou a advogar. Faleceu em 2001.

O coordenador do projeto “Agenda 150 Anos”, desembargador **Ricardo Henry Marques Dip**, foi orador em nome da Corte. Disse que não conheceu pessoalmente Darcy de Arruda Miranda, mas uma característica da sua biografia lhe chamou a atenção: “Foi um homem de grandes realizações e, sobretudo, formou uma bela família”.

José Maria Siviero, genro do homenageado, discursou em nome dos familiares:

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Desembargador Eros Piceli, em nome de quem, peço vênias para saudar a todos os demais aqui presentes, como sejam Autoridades, Advogados, Convidados e Familiares do Dr. Darcy de Arruda Miranda.

Neste início de noite nos reunimos, nesta Augusta e Centenária Corte Paulista, para homenagear a um Magistrado que deixou indelévels marcas em sua passagem por aqui e pela vida.

Escolhido e convidado que fui, para retrazar em palavras, os fatos que a seguir vos apresento, não devo dar início a essa honrosa tarefa, sem registrar a imorredoura gratidão a Sua Excelência, o Desembargador José Renato Nalini, por dois bons e significativos motivos:

O primeiro, por lembrar de meu nome, para estar aqui neste momento, diante de plateia de predicados e qualificação inquestionáveis, para falar sobre a vida e a obra do saudoso Dr. Darcy de Arruda Miranda;

O segundo, porque esse convite me permite – de forma solene e pública – render homenagens a uma pessoa que aprendi a admirar e reconhecer, ao longo dos mais de 50 anos de convivência, na condição de genro, através do casamento com sua filha Virgínia, aqui presente.

Dito isto, convido-vos a recuar até o ano de 1904 quando, exatamente no dia 7 de março, nascia na cidade de Lençóis Paulista, Darcy, filho do casal Francisco Antônio de Miranda e Emília Etelvina de Arruda Miranda, que teve ao todo sete filhos. Pouco tempo depois de nascido, a família muda-se para Guariba e, em seguida, para Avaré, em virtude das transferências de seus pais, professores primários que eram.

Até os 10 anos de idade permaneceu em Avaré, quando cursava o segundo ano primário. O terceiro ano cursou em Tietê, tendo aí permanecido por um ano na companhia dos avós. São dessa época duas experiências inesquecíveis vividas pelo pequeno Darcy.

“Seu avô era analfabeto e utilizava grãos de feijão para fazer suas contas. Certo dia, olhando seu avô às voltas com as contas, na mesa da cozinha – travesso que era – passou as mãos pelos grãos, misturando-os. Ou seja,



contas perdidas. Ato contínuo, seu avô deu-lhe belo tapa no ouvido, do que se arrependeu em seguida. Refeitos do ocorrido, Darcy pergunta à avó se havia comprado melancia, fruta de sua predileção. Com a resposta negativa, o avô – imediatamente – recolheu o chapéu e saiu à rua, de onde voltou abraçado a uma melancia que serviu ao garoto, dizendo-lhe ‘Taí, rapaz!’”

“A outra experiência, veio exatamente da aritmética, matéria na qual Darcy era exímio. Tanto que quando seu avô lhe pedia para fazer qualquer cálculo, a resposta vinha na hora. Toda vez que isso acontecia, o avô embevecido dizia ‘que miolo, rapazinho!’”

Seu quarto ano primário aconteceu em Jaú, cidade para a qual seus pais haviam sido transferidos e onde passaria parte de sua juventude, durante a qual escreveu crônicas e poesias, esta sua predileção permanente, para o jornal da cidade. Sem muito gosto para estudar ou pensar em qualquer carreira, Darcy por vezes falava em ser advogado, mas o estudo preliminar não o animava.

Foi nesse período que seu pai se dispôs a prepará-lo para a Odontologia, já que era ele, seu próprio pai, quem ministrava esse curso específico. Terminado o Preparatório, Darcy rumou para Pindamonhangaba, onde prestou os exames vestibulares e foi aprovado para a Escola de Farmácia e Odontologia. Em 1922, Centenário da Independência, Darcy, aos 18 anos de idade, portava seu título de cirurgião-dentista.

Possivelmente, sua formatura acabava sendo o marco divisório do seu futuro, já que era da tradição daquela Escola – no encerramento do curso – a realização da cerimônia denominada “Entrega da Chave”, durante a qual os alunos diplomados entregavam simbolicamente a chave da Escola aos alunos do último ano. Daí partiu o convite para que Darcy de Arruda Miranda fosse o orador da cerimônia.

Foi tão grande o sucesso dessa sua atuação, que o Bispo mandou chamá-lo, simplesmente para dizer que sua vocação estava errada, já que ele deveria estar na Faculdade de Direito. A partir daí, Darcy começou a descobrir pendor para a oratória e defesa do cidadão, passando a se dedicar com mais afinco aos estudos, no que se incluíam os artigos que escrevia para jornais do interior.

Casou-se aos 21 anos com Virgínia Russo de Miranda, com quem teve cinco filhos: Darcy Junior, Helcy, Nancy, Paulo e Virgínia. Mudou-se para São Paulo, em 1929, para clinicar na Vila Pompéia e, ao mesmo tempo, preparar-se no Ginásio para o caminho que o levaria à Faculdade.

Quando os três primeiros filhos já haviam nascido, Darcy, engajado nas questões políticas de seu tempo, participou da Revolução Constitucionalista de 1932, como Tenente da Força Expedicionária, integrando uma das Bandeiras em direção ao sul.

Em 1933, finalmente, Darcy entrava na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, passando a ter um frenético ritmo de vida, já que frequentava as aulas no período da manhã e clinicava à tarde e à noite. Formado em 1938, o Bacharel Darcy já ostentava sua carteira de Solicitador Acadêmico há dois anos, durante os quais chegou a se sentir sem ânimo, em virtude das dificuldades vividas nas primeiras atuações na nova área, que ainda dividia com a odontologia.

Decidido a enfrentar e vencer o novo desafio, Darcy desistiu da odontologia e partiu firme para a advocacia, com resultados tão animadores que – depois de alguns anos – seus próprios colegas o estimulavam a participar do concurso para ingresso na Magistratura. O resultado não poderia ser melhor: conquistou o segundo lugar no concurso em 1947. Darcy de Arruda Miranda passava a integrar, então, a Magistratura Paulista.

Começava aí seu périplo pelo Estado, iniciando por Araraquara, posteriormente Jaú, seguindo-se Itaporanga, Brotas, Penápolis e São Paulo.

Merecem destaque – nesta singela homenagem – algumas passagens importantes da judicatura do Dr. Darcy de Arruda Miranda:



Palavras do Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Theodomiro Dias, por ocasião de mandado de segurança impetrado pelo homenageado, para obter promoção por antiguidade:

“Nesse período de experimentação, revelará o Juiz Substituto se, além da inteligência e preparo já demonstrados, reúne os atributos que se requerem de um verdadeiro Juiz: probidade, compostura, senso comum, o senso jurídico, serenidade, ponderação, amor ao trabalho, energia e eficiência. O impetrante, afortunadamente, tem essas qualidades. E por isso já foi indicado sete vezes ao Poder Executivo” – (conforme Revista dos Tribunais, v. 183/814) – *“Quando da presidência do Des. Alexandre de Amorim Lima, quis afastar-se da Magistratura e este impediu-o, dizendo que isso ‘iria desfalcar a Magistratura de um elemento de valor como era o peticionário’”*.

Quando Deputado, o advogado Américo Marco Antônio vaticinou:

“o nome desse Juiz ainda há de ser gravado com letras de ouro na história da Magistratura paulista”.

O Desembargador José Frederico Marques, em prefácio ao livro “Dos Abusos da Liberdade de Imprensa” assim se manifesta:

“... o Dr. Darcy de Arruda Miranda é um dos magistrados de mais projeção na vida judiciária de São Paulo. Suas decisões, muitas vezes revolucionárias, têm provocado até debates pela imprensa, com críticas de uns e opiniões favoráveis de outros, em virtude dos temas que focaliza sob aspectos novos e que refogem, por isso mesmo, à rotina e praxes muitas vezes errôneas e sem sentido”.

“Certo é que nem sempre concordamos com muitos desses pronunciamentos do ilustre magistrado. Forçoso é convir, porém, que sua atuação constitui fruto da independência e dignidade com que exerce suas altíssimas funções, e que, em diversas ocasiões, tem ela sido fator de renovação ou da jurisprudência, ou do ‘stylus curiae’ ou mesmo do entendimento doutrinário a respeito de assuntos jurídicos”.

“Um juiz que exerce sua judicatura com esse desassombro não pode deixar de ser um homem culto e provido de bom lastro de conhecimentos jurídicos. Só o magistrado que sabe o terreno em que pisa, graças à sua ‘outillage’ cultural, pode reabrir discussões e debates em torno da matéria que já se encontrava congelada na ‘consuetudo fori’. E é isto o que realmente se verifica no tocante ao Dr. Arruda Miranda”.

Em 1955, atendendo a convite feito pelo Professor José Frederico Marques, o Dr. Darcy de Arruda Miranda passou a reger a cadeira de Direito Civil na Faculdade de Direito de Sorocaba, onde permaneceu até completar 90 anos de idade. Recebeu, então, o título de Professor Emérito da Faculdade de Direito, passando a emprestar seu nome – *post mortem* – à Medalha que condecora, anualmente, os melhores alunos daquela Instituição.

No ano seguinte, 1956, o Professor Jorge Americano, Diretor, e o Professor Dimas de Oliveira César, da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, convidaram o Dr. Darcy para reger a cadeira de Direito Civil, ocupada até então pelo Prof. Dimas, passando depois para a cadeira de Teoria Geral do Estado, onde permaneceu por nada menos que 20 anos.

Foi também Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas D. Pedro II durante o período de 1970 a 1975.

Em 1966, aposentou-se da Magistratura como Ministro do Tribunal de Alçada Civil, voltando para a advocacia, através de banca própria, na qual – tempos mais tarde, 1986 – passou a contar com seu neto, Dr. Waldir de Arruda Miranda Carneiro, que até os dias atuais responde pelo escritório.

Dr. Darcy de Arruda Miranda ainda recebeu os títulos de cidadão Sorocabano e Paulistano, outorgados pelas respectivas Câmaras Municipais.

A poesia, que o acompanhou ao longo de toda a vida, produziu trabalhos vanguardistas, altamente elogiáveis, a ponto de – ao completar seus 80 anos – receber de seus filhos um livro intitulado “Meus Devaneios Poéticos” reunindo as obras de sua autoria. Também participou da obra “Treze Cantos Di...Versos” em conjunto com outros doze Magistrados.



Aos 97 anos de idade, ainda ativo e em sua mesa de trabalho, no escritório que compartilhava com o neto Waldir, sentiu o coração enfraquecer. Mesmo assim, fazendo prevalecer seu reconhecido espírito alegre, foi encaminhado ao hospital. E no trajeto, indagado sobre eventual desejo por algo especial, respondeu com o humor de sempre: “*quero, sim: uma caipirinha bem gelada e sem coar!*”

Horas mais tarde, a família e o mundo jurídico perdiam uma pessoa diferenciada e muito especial.

Dr. Darcy de Arruda Miranda, onde quer que o senhor esteja, receba as mais emocionadas homenagens de todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoal e profissionalmente.

Descanse na merecida paz!

O vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Eros Piceli, que representou o presidente da Corte, desembargador José Renato Nalini, afirmou, ao encerrar a cerimônia, que o projeto “**Agenda 150 Anos**” relembra nomes que marcaram a história da Corte. “Em uma época que se fala tanto em ética e seriedade, louvamos a memória de grandes magistrados.”

Participaram também da solenidade os presidentes das Seções de Direito Criminal, Privado e Público, desembargadores Geraldo Francisco Pinheiro Franco, Artur Marques da Silva Filho e Ricardo Mair Anafe, respectivamente; o presidente da Comissão de Resgate da Memória da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo, José de Ávila Cruz, representando a presidente em exercício; a vice-presidente do Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), Maria do Carmo Rezende de Campos Couto; o presidente da Associação dos Bacharéis de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie (ABAMACK), Vicente Renato Paolillo; o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ricardo Felício Scaff; o chefe de gabinete da Presidência e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; os filhos do homenageado Nancy de Arruda Miranda Carneiro, Paulo de Arruda Miranda e Virgínia de Arruda Miranda Siviero; a nora Mariângela; o genro José Maria; os netos Maria Teresa, Flávio Eduardo, Cristiane, Liliane e Paulo Guilherme; os bisnetos Felipe e Pedro; demais magistrados, autoridades civis e militares, familiares, amigos e servidores.

